mei studies

Estudos de televisão

PROTAGONISMO FEMININO NAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS AUDIOVISUAIS: UMA ANÁLISE DO QUADRO DO JORNAL DAS DEZ DA GLOBONEWS

Laís Possani de S. R. GUIMARÃES, mestranda e bolsista PBPG/UFJF
Cláudia THOMÉ , docente PPGCOM / UFJF

Laboratório de estudo de Subjetivação e Imaginários femininos em narrativas midiáticas - Grupo Namidia / PPGCOM / UFJF

ppgcom
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFJF

Narrativas Midiáticas e Dialogias

Resumo

O artigo analisa a **crônica feminina** no jornalismo audiovisual brasileiro, investigando *de que modo essas narrativas atuam como* uma **ferramenta pedagógica, de resistência, subjetivação e autoria** dentro do espelho do telejornal.

Diante do cenário recorrente de **aumento da violência contra a mulher no Brasil**, a pesquisa examina como as crônicas audiovisuais tensionam a tradicional objetividade e abrem margem para construção de novos sentidos sobre os múltiplos femininos.

A partir da Análise Crítica das Crônicas Audiovisuais, foram analisadas **cinco crônicas** do quadro do Jornal das Dez da GloboNews, sendo uma veiculada em **2017** por Mônica Waldvogel e quatro em março de **2025** por Aline Midlej.

Resumo

A **análise identificou** que os avanços estruturais não necessariamente aconteceram ao longo dos anos. Tais resultados revelam que, mesmo quando a ocupação feminina de novos espaços públicos é celebrada como inspiração, o que **sobressai nas produções é a denúncia de violências** e a cobrança constante pelo respeito aos direitos fundamentais conquistados. Em suma, o estudo evidencia o papel do protagonismo feminino no cronismo audiovisual hegemônico enquanto **dispositivo de disputa simbólica** e reflexão crítica.

Introdução

A reconfiguração do jornalismo contemporâneo tem tensionado a emergência de **práticas narrativas** que abrem espaço para estratégias sensíveis (Sodré 2006) e estratégias de subjetivação (Becker, Thomé, 2023; Thomé, Reis, 2024).

Tais **estratégias**, no entanto, já marcaram presença no jornalismo, ao longo do tempo, em colunas de comentários e em quadros destinados à **crônica** (Thomé, Reis, 2024).

No telejornalismo, a crônica audiovisual apresenta **potencial de sensibilizar** a audiência com elementos nem sempre presentes na reportagem e possibilita, de forma mais explícita, o que Assis (2016) chama de jornalismo autoral.

Ao reconhecer o **jornalista como sujeito ativo** na construção da narrativa, se torna possível abrir espaço para pautas e formatos narrativos informativos que funcionam como arma de combate (Moraes, 2022) à violência contra a mulher a partir de sua **função pedagógica** (Vizeu, 2009)

Crônicas e resistências

- Sua fluidez possibilitou que, ao longo das décadas, os mecanismo de resistência narrativa mantivessem sua força, ainda que modificados pelo local de veiculação, seja do jornal impresso à rádio, depois para a televisão, internet e, atualmente, nas redes sociais digitais por sua **essência híbrida** que comporta novos contornos em diferentes meios de comunicação.

  Das colunas e rodapés da década de 1930, a crônica integrou-se à dinâmica jornalística como um **espaço opinativo**. Nas rádios, com a literatura de ouvido (Thomé, 2015), o gênero ganhou oralidade, efeitos sonoros e a interpretação vocal dos locutores, fortalecendo a relação de "conversa ao pé do ouvido" com os ouvintes. Na tela da TV, o gênero possibilitou novas estruturas, inclusive, o que o cronista Artur da Távola chamou de "videoteratura", aquelas propriamente televisivas (Távola, 1982; Reis & Thomé, 2018)

Femininos em disputa

Em 2025 o Brasil somou 1.568 mortes por feminicídio, o **maior número da série histórica** iniciada em 2015, com aumento de 4,7% sobre o ano anterior (FBSP, 2026).

Além disso, mesmo com a tentativa de avanço nas leis de proteção às mulheres, na última década, observou-se a **expansão de movimentos misóginos** organizados no ambiente digital, a chamada machosfera (NetLab UFRJ, 2026), assim como o crescimento e continuidade das comunidades redpill (Agência Brasil, 2026) com a **captura de jovens para uma rede de ódio às mulheres.**



Entender o telejornalismo como um espaço de disputa simbólica a partir da **centralidade da televisão** e da construção audiovisual da realidade (Becker, 2022) nos ajuda a debater sobre **o papel da mulher jornalista e das crônicas audiovisuais femininas**, criando contornos que nos permitam identificar se e como estereótipos conservadores são preservados e se há a criação de espaços de resistência e transformação por meio dos tensionamentos do próprio campo e das próprias práticas singulares das mulheres atuantes no telejornalismo.

Ao dar luz aos **atos corporais subversivos** (Butler, 2003) como práticas performativas que visam romper e dar novo significado às categorias naturalizadas de corpo, sexo, gênero e sexualidade, Judith Butler abre brechas para que essa libertação aconteça a partir de dentro das próprias normas de poder que constituem a identidade, ou seja, ao fazer com que o gênero se desvie de seus propósitos originais - assim como fazem as jornalistas mulheres no telejornalismo que seguem padrões diferentes dos impostos - **esses atos expandem as fronteiras do que é considerado culturalmente inteligível**.

É nesse sentido que as **crônicas femininas veiculadas nos telejornais** podem se configurar como espaços para narrar os diferentes cotidianos das mulheres, ancorados no noticiário. Assim, em um contexto de violência crescente, tais narrativas deixam de trazer apenas o pitoresco e o inusitado para sublinhar, em meio às notícias, **o que não pode ser naturalizado**.



Função pedagógica e as crônicas femininas

Ao levarmos em consideração que o telejornalismo possui uma função pedagógica e que **se utiliza de dispositivos didáticos** (Vizeu & Cerqueira, 2016) para informar e, portanto, produzir conhecimento, torna-se relevante entender, a partir dos campos temáticos trabalhados em cada crônica, quais prevalecem ao falar sobre as mulheres no mês dedicado a elas.

As violências vivenciadas nas ruas e dentro de suas próprias casas criam quais tensionamentos pedagógicos ao público quando narradas em crônicas audiovisuais? Essa disputa simbólica se dá a partir da resistência, dos progressos, da denúncia ou do conformismo?

Corpus

2017: **J10 em crônica** ia ao ar aos sábados. A crônica analisada foi de Mônica Waldvogel

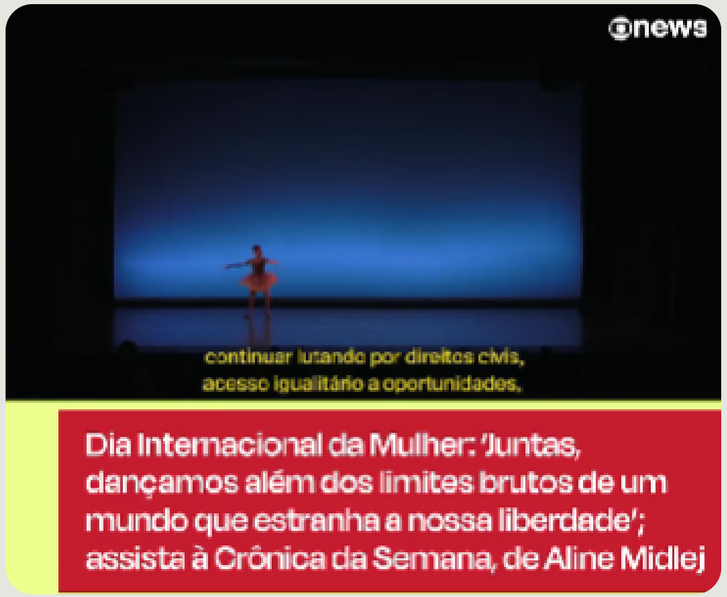




A análise *não se orienta por uma equivalência quantitativa*, mas por um recorte que busca identificar **deslocamentos narrativos** e mudanças na abordagem ao longo do tempo em contribuição para a história da mídia audiovisual.

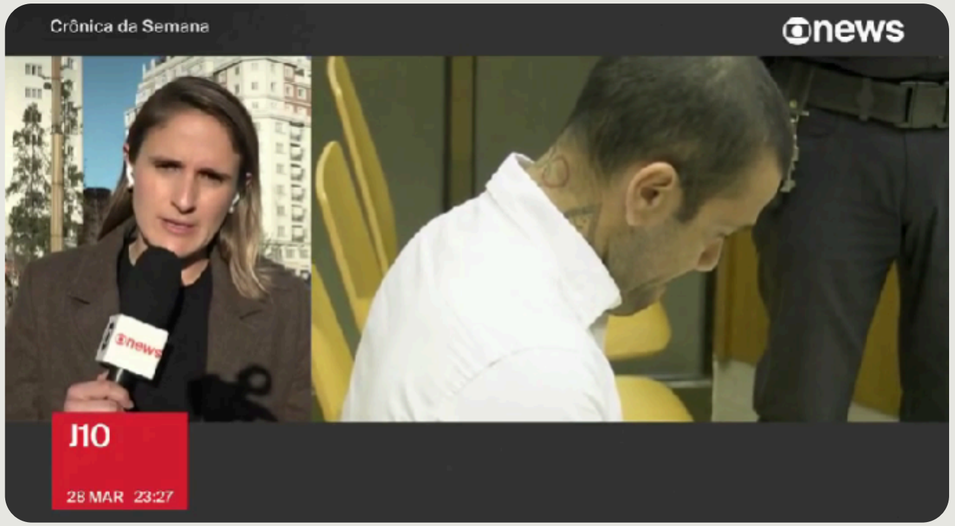
Corpus

Março de 2025: **Crônica da Semana** é veiculado às sextas-feiras por Aline Midlej









Para analisar as crônicas veiculadas em contexto audiovisual, utilizou-se a **Análise Crítica das Crônicas Audiovisuais** (Reis & Thomé, 2018) que permite a classificação do gênero na TV a partir de categorias que "não são únicas em cada crônica nem excludentes, mas se hibridizam" (p. 582) e que ainda estão presentes nas estruturas dos telejornais hegemônicos.

Ficha técnica

Assunto	Título	Data	Cronista	Posicionamento no espelho do programa	Links
A luta das mulheres por igualdade	Crônica da Semana fala sobre a luta das mulheres por igualdade	2017	Mônica Waldvogel	Não foi possível acesso ao J10 do dia. Crônica exibida às 22h57	https://globoplay.globo.com/v/5718320/?utm_source=chatgpt.com

Dia Internacional da Mulher	Dia Internacional da Mulher: “Juntas, dançamos além dos limites brutos de um mundo que estranha a nossa liberdade”, diz Aline.	07/03/25	Aline Midlej	Não foi possível localizar no Globo Play o programa do dia	https://www.instagram.com/reel/DG7FiTosrdj/?igsh=MWx4ZHJnb2xuMWY1Ng%3D%3D
Espaço hostil para as mulheres na política	Na arena política, um espaço tradicionalmente hostil para as mulheres, não há trégua nem no mês dedicado a elas.	14/03/25	Aline Midlej	Final do J10- 23h20	https://globoplay.globo.com/v/13427239/
Violência política de gênero	Violência desmedida. Em qualquer esquina, em qualquer lugar, mesmo sem reação. E nesta semana, nem o céu foi o limite.	21/03/25	Aline Midlej	Final do J10 - 23h18	https://globoplay.globo.com/v/13449038/

Crime sexual contra mulher e morte Heloísa Teixeira	Dias que registraram os primeiros passos de um julgamento que vai para os livros de história.	28/03/25	Aline Midlej	Final do J10 - 23h22	https://globoplay.globo.com/v/13468853/

Fonte: tabela produzida pelas autoras (2026)

Análise do gênero no audiovisual

Foi possível observar, a partir dos elementos que caracterizam a pedagogia nessas crônicas, que as **violências sofridas ainda são as principais temáticas mobilizadas**, demonstrando que tais articulações, mesmo que com o ímpeto de mobilizar e conscientizar, criam uma **representação simbólica de estagnação**. Tal sentimento pode levar ao conformismo da não mudança, sobretudo quando levamos em consideração o **tempo histórico de 8 anos entre as crônicas** e o contínuo aumento do número de casos de feminicídios, assédios sexuais, estupros, misoginia, entre outras violações.

Análise dos campos temáticos

	Palavras-chave	**Editorias**	**Localidades**	**Principais assuntos**	**Lugar da mulher**
2017	Mulheres; lutas; igualdade; 8M	Cotidiano/Especial dia das mulheres	Brasil e mundo	Direito das mulheres; Luta feminina	Protagonismo absoluto
07/03/25	Mulheres; liberdade; representatividade	Cotidiano/Especial dia das mulheres	Brasil	Inspirações femininas no esporte, cultura, arte e política	Protagonismo absoluto
14/03/25	Misoginia; respeito às mulheres; pioneirismo	Política	Brasil	Violência política de gênero e quebra de barreiras institucionais	Protagonismo na primeira parte da crônica
21/03/25	Violência; justiça; guerra	Segurança pública	Brasil e mundo	Violência; impactos da guerra e misoginia/violência política de gênero	Mulheres como foco secundário da crônica
28/03/25	STF; 8 de janeiro; guerra; crime sexual; feminismo	Política	Brasil e mundo	Julgamento golpe de estado; guerra, julgamento caso Daniel Alves	Mulheres como foco secundário da crônica

Análise audiovisual do gênero

As crônicas de Aline Midlej e Mônica constroem narrativas em que o som, a montagem e a modulação da voz servem como **produtoras de sentido**: enquanto Aline mobiliza trilhas de forte apelo e entrevistas para tensionar a aparente objetividade dos fatos, Mônica articula o som ambiente de manifestações à imagem de corpos femininos em luta.

Em ambos os casos, os cenários, figurinos, recursos gráficos, elementos sonoros como off, trilha sonora, entonação, pausas, ruídos, som ambiente e, por fim, a edição com o tensionamento dos recursos, seleções, processos de montagem e complementações texto/imagem revelam como os valores e **atravessamentos das próprias cronistas moldam o olhar sobre o cotidiano** para transformá-lo em espaço de reflexão crítica.

Considerações finais

Os tempos são outros, mas as histórias são as mesmas. De 2017 a 2025 o que fica evidenciado a partir do material analisado é que **os avanços não necessariamente aconteceram.**

Mesmo que, de alguma forma, a ocupação feminina de novos espaços seja celebrada como inspiração para outras, em especial nas crônicas de Aline Midlej, o que sobressai, a partir dos tensionamentos pedagógicos, são as denúncias de violências e a cobrança por respeito a direitos conquistados, e sobretudo pela não **naturalização de agressões e feminicídios**.



Mesmo assim, as crônicas no jornalismo audiovisual se mostram como uma das formas narrativas que **possibilitam articulações críticas e autorais na atualidade.** Entretanto, quando pensamos em um contexto hegemônico de produção, com novas funções e competências (Reis & Thomé, 2025), falta de tempo e múltiplas tarefas advindas do processo de produção, adaptação e circulação de conteúdos, **há limites**.

A incorporação da subjetividade e da função pedagógica exige muito do que hoje falta na rotina do telejornalismo, por isso, ela não ocorre sem contradições e desafios. A exigência de narrativas mais sensíveis, reflexivas e humanizadas pode entrar em conflito com a falta de estrutura (e desejo editorial) para que isso seja realizado.

Pensar a autoria, subjetividade e humanização das narrativas, neste caso, com a presença das crônicas, se mostra como um caminho que implica também na importância de **repensar o próprio modelo de produção**, redefinindo prioridades, desacelerando processos e criando condições que garantam mais dignidade ao trabalho da jornalista.

Referências

Agência Brasil. (2026, 8 de março). Misoginia nas redes: 90% dos canais de ódio a mulheres seguem ativos. EBC. https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2026-03/misoginia-nas-redes-90-dos-canais-de-odio-mulheres-seguem-ativos

Beauvoir, S. de. (1970). O segundo sexo (S. Milliet, Trad.). Difusão Européia do Livro.

Becker, B. (2022). A construção audiovisual da realidade. Mauad X.

Becker, B., & Thomé, C. (2023). Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, 21(47). https://doi.org/10.5902/2175497772173

Butler, J. (2003). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.

Cerqueira, L. (2018). A função pedagógica do telejornalismo: Os saberes de Paulo Freire na prática jornalística. Editora Insular.

Ferreira, F., Lopes, H. da S., Rodrigues, C. C. de L., & Santos, A. M. S. dos. (2025). Televisão e vida social: Impactos culturais, comportamentais e relações de poder. Observatório de la Economía Latinoamericana, 23(9), e11357. https://doi.org/10.55905/oelv23n9-030

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2026). *Retrato dos feminicídios no Brasil*. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/03/nota-tecnica-dia-mulher-2026.pdf

GloboNews. (2025, 26 de setembro). *Aline Midlej mostra como nascem as Crônicas da Semana, do J10* [Vídeo]. YouTube. https://youtube.com/shorts/dSQ3gcHkrII

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. https://doi.org/10.1590/2174-8888.1995.n5.7-41

Referências

Honneth, A. (2003). Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais (L. Repa, Trad.). Editora 34.

Memória Globo. (2026, 9 de julho). GloboNews. https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/

Moraes, F. (2021). Jornalismo, ativismo e sensibilidade hacker: Por uma prática situada que ousa dizer o nome. Alceu, 21(44), 115–131. https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.244

Moraes, F. (2022). A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Arquipélago Editorial.

NetLab UFRJ. (2026). "Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": Estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. https://netlab.eco.ufrj.br/post/misoginia-no-youtube-90-dos-canais-com-mapeados-em-2024-seguem-dispon%C3%ADveis-na-plataforma

Pereira, A. (2018). Por um telejornalismo mais plural e igual – Propostas de abordagem em uma perspectiva de gênero. In C. Emerim, I. Coutinho, & C. Finger (Orgs.), Epistemologias do telejornalismo brasileiro (pp. 239–262). Insular.

Reis, M. A., & Thomé, C. A. (2018). Videoteratura: Uma proposta de análise do cronismo na televisão. Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação, 11(3), 564–585. https://doi.org/10.7867/1981-9943.2017v11n3p577-598

Reis, M. A., & Thomé, C. (2023). Do impresso nas bancas às nuvens da web: A relação da crônica com os meios de comunicação no Brasil. In L. L. Ito, A. P. Coca, & D. S. Silva (Coords.), A notícia hoje (1ª ed., pp. 428–450). RIA Editorial.

Reis, M. A., & Thomé, C. (2025). Olhares sobre dez anos de jornalismo audiovisual em multitelas: Novas funções, competências e formação profissional. In Anais do 23º Encontro Anual da SBPJor. Galoá. https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2025/trabalhos/olhares-sobre-dez-anos-de-jornalismo-audiovisual-em-multitelas-novas-funcoes-com?lang=pt-br

Referências

Sodré, M. (2006). As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política. Vozes.

Távola, A. da. (1981, 29 de setembro). A crônica na televisão: de Rubem ao Saltimbanco. Jornal O Globo, p. 30.

Thomé, C. (2015). Literatura de ouvido: Crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio. Appris.

Thomé, C. A., & Reis, M. A. (2020). Videoteratura como estratégia do telejornalismo: Um olhar epistemológico sobre produtos das emissoras TV Globo e Globonews. In M. Maia & M. Y. Passos (Orgs.), Narrativas midiáticas contemporâneas: Epistemologias dissidentes. Catarse.

Tuchman, G. (1993). A objetividade como um ritual estratégico: Uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina (Org.), Jornalismo: Questões, teorias e estórias (pp. 74–90). Vega.

Vizeu, A. (2009). O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. Revista FAMECOS, 16(40), 77–83.

Vizeu, A. P., & Cerqueira da Silva, L. J. (2016). 65 anos de televisão: O conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. Revista FAMECOS, 23(3), ID22638. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22638

mei studies

OBRIGADA!

claudia.thome@ufjf.br
lais.possani@estudante.ufjf.br

ppgcom
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFJF

Narrativas Midiáticas e Dialogias